

ESTRATÉGIAS LITERÁRIAS EM DISCURSOS ECONÔMICOS

Thiago Martins Prado (UNEB)
minotico@yahoo.com.br

RESUMO:

O estudo investiga, em algumas narrativas científicas da teoria econômica, como as figuras de retórica são utilizadas de modo a ampliar a sua capacidade tradutória aos não especialistas da linguagem técnica da economia e como tais figuras reproduzem a configuração ideológica formadora do aparato teórico-conceitual. A partir do objetivo de aproximar a análise dos Estudos de Linguagem e os estudos sobre a economia, verificou-se que a utilização da figura de retórica não só amplia a capacidade de tradução do saber disciplinar da economia a outros saberes, mas também se torna condição relevante para que se sustente o próprio discurso econômico.

Palavras-chave:

Discurso científico. Efeitos de verdade.
Figuras de retórica. Estratégias do discurso econômico.

ABSTRACT:

This present study aims to investigate how scientific narratives from the economics theory like rhetoric figures are used to be more comprehensible for non-specialists in economics language as well as how it does the ideologic configuration that forms the theoretical and conceptual apparatus. From the objective of approaching language studies to economics discourses analysis, it was verified as a result that rhetoric figure utilization increases the economics corrective knowledge and becomes a relevant condition to support the economics discourse itself.

Key words:

Rhetoric figures. Scientific discourse.
Truth effects. Economics discourse strategies.

1. Introdução

“[...] de vez em quando, a história surpreende os economistas em suas ginásticas brilhantes e leva embora os seus roupões.” (Eric Hobsbawm, 2013)

A ciência econômica, há tempos, utiliza figuras de retórica para compor seu código com uma autoridade representativa. Exemplos disso podem ser citados a todo momento em que se forjou uma teoria ou um conceito na área da Economia. Em tempos mais distantes, importantes

terminologias ou arquinarrativas da ciência econômica ocorreram endossadas por figuras de retórica e se colaram ao discurso econômico de modo a influenciarem até as atuais conduções institucionais de gestores no setor econômico ou ainda a demarcarem posições distintas nas discussões sobre o tema da Economia, tais como: a) a alegoria da mão invisível, de Adam Smith, em 1776, para ilustrar a explicação dos autoajustes e das autorregulações dos mercados, que serve de suporte às teorias neoclássicas hodiernas; b) a alegoria das bolhas, de Charles Mackay, em 1841, para discutir a perigosa instabilidade dos preços de ativos que sobem acima do valor intrínseco por causa de um delírio especulativo e coletivo – alegoria recorrentemente utilizada na análise dos mercados financeiros ainda nos tempos atuais; c) a hipérbole do consumo conspícuo, de Thorstein Veblen, em 1899, para explicar a atividade de excesso da ação consumista com a finalidade de exibir distinção de status por meio da compra de produtos com preços elevados que conferem prestígio social e demarcam diferenças de acúmulos de renda dos consumidores – atualmente, tal figuração derivou explicações do estímulo a desejos de consumo por *status* através de dívidas e de possíveis distorções na qualidade de avaliação de empréstimos por agentes concessionários ou intermediadores de crédito visando à maximização do lucro; d) o jogo de antíteses operado por John Maynard Keynes, em 1936, que refutou os principais fundamentos da economia clássica ou austríaca, como a lógica do equilíbrio econômico, o autoajuste de salários pelo mercado, a concepção do incentivo ao gasto público como promoção de inflação e a lei de Say¹, contrapondo-os, respectivamente, ao desenvolvimento da concepção de dinamismo econômico, de desemprego involuntário², de multiplicador keynesiano³ e dos prêmios de liquidez⁴ – medidas de intervenção e de

¹ Preços respondem a conhecimentos e a desejos específicos dos indivíduos, causando mudanças na quantidade demandada e fornecida ao mercado.

² O desemprego involuntário acontece quando trabalhadores, por meio de contratos sindicais, por exemplo, resistem à queda dos salários por não aceitarem a redução na propensão a consumir. Nesse caso, cresce o número de pessoas querendo trabalhar, mas diminui o número de trabalhadores porque esses estão mais caros. Para Keynes, a partir daí, um círculo vicioso entre desemprego e subprodução proporcionaria uma crise econômica tornando correspondentes o consumo em baixa, a produção em declínio e o desemprego.

³ O cálculo desenvolvido por meio do multiplicador keynesiano justificou o discurso sobre os gastos do governo como promotores de um movimento anticíclico de desemprego em época de recessão. A demanda incentivada pelo governo estimularia o consumo, que fortaleceria investimentos e, conseqüentemente, ampliaria atos de consumo e novos postos de trabalho.

revisão de mecanismos reguladores da Economia, em tempos de crise, sofrem forte apelo do pensamento keynesiano, como aconteceu, por exemplo, na crise financeira de 2008.

Quando 15 de setembro de 2008, data do colapso do Lehman Brothers, ocorreu, vários estudos recentes da ciência econômica (revestidos por figuras de retórica) foram destacados ou gerados com a finalidade de analisar o fenômeno do estouro das bolhas dos ativos de hipotecas imobiliárias e o fracasso das estratégias de securitização implantadas pelos bancos de investimento estadunidenses. De todas essas conjecturas esboçadas por pensadores atuais, algumas foram bastante consideradas para o debate da área econômica em 2008 e nos anos seguintes: a) a alegoria do cisne negro, de Nassim Nicholas Taleb, de 2007, para comentar os momentos de incerteza no mercado derivados da nulidade de previsão de uma circunstância rara, com uma alta capacidade de impacto na coletividade e de provocar narrativas retrospectivas; b) a metonímia dos maus financiamentos (ampliando unidades especulativas e Ponzi⁵), de Hyman Minsky, de 1992, para explicar como a contaminação de certos regimes de financiamento pode gerar instabilidade na economia; c) a alegoria do efeito pipoca, de Henry Paulson, de 2013, para afirmar que a expansão da crise derivada dos *subprimes* deu-se pelo grau de interligação, de internacionalização e de práticas conjugadas que existe no sistema bancário global; d) a tradução hiperbólica da teoria do estoque monetário, realizada tanto por William T. Still, em 1996, como pelo ativista Peter Joseph, em 2008, para descrever o processo inflacionário, não como uma irregularidade, mas como um mecanismo de controle da ordem produtiva global por meio das corporações bancárias; e) o contínuo uso da ironia por Joseph Stiglitz, em 2010, para apontar como as posições do *mainstream* econômico ditado por Wall Street e Washington equivocaram-se ao desprezar as lições keynesianas e a prática da regulação res-

⁴ Situação em que um ativo menos líquido proporciona retorno superior ao de outro ativo (com características ou valores inicialmente equivalentes) mais líquido. Keynes afirma que os prêmios de liquidez podem implicar o desestímulo para o incentivo ao investimento, promovendo uma demanda negativa por insuficiência e um cenário de crescimento do desemprego.

⁵ Unidades especulativas sustentam o pagamento das dívidas dos empréstimos por meio da conta de rendimentos, e novas dívidas podem ser emitidas para a rolagem de dívidas anteriores. Unidades Ponzi não possuem capital suficiente para pagar o principal da dívida e os juros dela, e a venda dos ativos e o aumento da dívida pela retirada de mais empréstimos para pagamento de juros comprometem rendimentos futuros.

ponsável na economia; f) a alegoria do minotauro global por Yanis Varoufakis, de 2011, para explicar como o mecanismo global de reciclagem de excedentes no âmbito das trocas comerciais mundiais arquitetado por Washington entrou em colapso a partir da ausência de autocontenção das autoridades estadunidenses em relação ao excesso de financeirização dos fluxos de capital advindos de outros países para Wall Street.

A imensa quantidade de narrativas científicas após a crise de 2008 e as estratégias de convencimento que essas narrativas (como versões interpretativas a concorrerem com outras) proporcionaram à área econômica indicam também uma outra espécie de crise: a crise na estabilidade dos processos hegemônicos de produção de verdade na ciência econômica⁶. A partir disso, as disputas pelo terreno de sustentação do verossímil na área podem ser notadas por meio da concorrência de diversas estratégias retóricas. Muitas evidências dessas disputas podem aqui ser retomadas: por um lado, por exemplo, autoridades que foram responsabilizadas, em parte, pela crise financeira trataram de defender visões de mercado associando-as a uma narrativa autobiográfica que os colocava numa posição privilegiada de *histor* nos momentos de tomadas de decisão⁷; por outro, autoridades com atestada credibilidade acadêmica passaram a ocupar espaços não meramente universitários e a adotarem uma linguagem menos técnica para a descrição dos eventos que envolveram a crise de 2008, denunciando más práticas de mercado e declarando soluções teóricas complexas por meio de uma linguagem de mais fácil entendi-

⁶ Ainda que a crise econômica de 2008, originada no centro do capitalismo financeiro mundial, nos EUA, possa ter surpreendido diversos economistas, é preciso atentar para falas como as de Robert Kurz, já no início dos anos de 1990. Kurz (1993) afirma que a economia estadunidense, crescente na inserção da economia mundial, caminha para um cenário de extrema vulnerabilidade: a) o alto grau de especulação com ações e imóveis deixa reféns os grandes setores empresariais dessa nação; b) a baixa cota de poupança associada ao elevado endividamento dos orçamentos domésticos norte-americanos, além do aumento do déficit orçamentário dos Estados Unidos, implica uma falta de formação interna de capital, que torna a economia estadunidense dependente, cada vez mais, da entrada de capital monetário estrangeiro e especulativo; e c) por causa de certa debilidade crescente na atividade de exportação, em muitos momentos, os EUA precisam baratear o valor do dólar para elevar suas próprias exportações.

⁷ O ex-secretário do Tesouro dos EUA Henry Paulson tanto escreveu o livro *À beira do abismo financeiro* como gravou o documentário *Hank: cinco anos depois do colapso*, dirigido por Joe Berlinger; dois ex-presidentes do *Federal Reserve* adotaram semelhante estratégia de mesclar momentos autobiográficos com defesas de teorias econômicas: Alan Greenspan, com o livro *O mapa e o território*, e Ben Bernanke, com o livro *The courage to act*.

mento para um público mais amplo⁸. A aproximação da descrição das teorias científicas por seus autores como processos narrativos tornou-se, nesse momento, bem mais evidente, e a multiplicação dos discursos sobre o colapso de 2008 e dos recursos retóricos visibilizou a poética das narrativas econômicas como estratégia de criação do verossímil e como propositora de efeitos estéticos.

Inclusive, nesse sentido, ao contrário de a linguagem científica da Economia precisar sua terminologia como forma de explicar didaticamente os fenômenos críticos não previstos pelas teorias hegemônicas e, a partir disso, afirmar a sua autonomia disciplinar, ficou igualmente claro o desenvolvimento de recursos de empréstimos de outras áreas do saber nas narrações científico-econômicas tal como uma manobra estética (imagística) e retórica (persuasiva) para compensar as suas lacunas e imprecisões terminológicas⁹. Carlos Marichal (2016), por exemplo, relata a aplicação de metáforas médicas – tais como contágio, mecanismos de contaminação ou diagnósticos – na ambiência das crises financeiras para descrever o desequilíbrio de forma localizada ou com capacidade de se generalizar ou ainda como modo de apresentação de tais crises como doenças a ser tratadas.

⁸ O vencedor do Prêmio Nobel de Economia de 2001 e ex-presidente do Conselho de Assesores Econômicos do governo Bill Clinton, Joseph Stiglitz, o vencedor do Prêmio Nobel de Economia de 2008, Paul Krugman, e o ex-ministro das Finanças da Grécia do governo Aléxis Tsípras, Yanis Varoufakis, tanto publicaram livros que privilegiaram um uso linguístico mais acessível a um público não acostumado aos termos técnicos na área econômica, como compareceram ou estabeleceram-se como correspondentes em espaços midiáticos de alta repercussão internacional, como jornais internacionais ou programas de televisão.

⁹ A explicação de a metáfora ocupar momentos de imprecisão em alguns enunciados encontra correspondência nos estudos de metaforologia desenvolvidos por Hans Blumenberg, em sua *Teoria da não conceitualidade*. Conforme Blumenberg (2013, p.108-109), a metáfora surge em meio a uma determinação contextual fraca: “Por certo, a metáfora ocupa, em um dado contexto, uma determinação fraca, que se põe em lugar daquilo que, no contexto, seria bastante para satisfazer a expectativa implicada. A expectativa pode ser rompida porque a determinação do contexto é bastante fraca. A metáfora é impossível, por exemplo, em um texto legal, que se destaca ou pelo menos deveria se destacar por sua determinação forte. Pode-se facilmente ver que determinadas expressões se qualificam (ou também, como se costuma dizer que se desqualificam) por produzir uma determinação contextual fraca”. De outro modo, Márcio Thamos (2009), ao contrário de defender a metáfora como uma perturbação das conexões, declara a inevitabilidade dos procedimentos poéticos nos discursos científicos ou em algum discurso que se pretenda integralmente denotativo por causa dos graus de contágio social que a poesia já integra na linguagem como um todo.

2. Um projeto retórico para a Economia?

“Há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-se verdade. Essas produções de verdade não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades, e porque essas produções de verdade têm, elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam.” (Michel Foucault, 2006)

Mesmo que a narratividade dos discursos econômicos possa ser notada em meio a uma cena de disputas pela hegemonia interpretativa a respeito da crise de 2008 e um projeto de análise retórica, nesse caso, seja por demais pertinente para o entendimento dos métodos de produção de verdade na ciência econômica, estudos entre Retórica e Economia não têm encontrado consenso dentro da comunidade acadêmica e científica, e isso tem afetado maiores desenvolvimentos e maiores fertilidades que tal relação poderia estabelecer como contribuição para o campo da Economia. De um modo geral, tais estudos encontram-se ainda muito centrados nas discussões iniciais sobre a validação de tais investigações; réplicas e trélicas acabam concentrando-se nos textos fundadores que despertaram esse tipo de análise para o campo econômico. Em âmbito internacional, Deirdre McCloskey, desde os anos 80, surge como a referência mais reverenciada e, ao mesmo tempo, a mais rebatida para o entendimento do que se poderia ser um projeto retórico de estudos sobre economia; suas publicações ecléticas preservaram proposições de um enfrentamento contra o que chamou ser o credo positivista e modernista da ciência econômica¹⁰. No âmbito nacional, Pêrsio Arida, nesse mesmo período dos anos 80, no artigo *A história do pensamento econômico como teoria e retórica*, caracterizou os dois modelos epistemológicos de ensino de Economia, o *hard science* e o *soft science*, criticando as limitações de

¹⁰ Além de muitos artigos que estabeleceram uma relação profícua entre Retórica e Economia, os livros de McCloskey, por mais diversificados em conteúdos temáticos que fossem, persistiram no tema até a primeira década dos anos 2000, quando McCloskey inicia o projeto de escrita sobre a ascensão da classe burguesa europeia: *The rhetoric of Economics* (1985), *If you're so smart* (1990), *Knowledge and persuasion in Economics* (1994), *The secret sins of Economics* (2002).

ambos, e exemplificou oito estratégias retóricas comuns à prática da escrita dos economistas¹¹. Duas obras publicadas em meados dos anos 90 e no início dos anos 2000 pela editora 34 coligiram pesquisas e consolidaram referências de estudos no país sobre a reflexão dos processos retóricos na Economia: *Retórica na Economia* e *História do pensamento econômico como teoria e retórica*. Muitos dos textos dessas obras apareceriam debatidos e respondidos na *Revista de Economia Política* do final dos anos 90 até a primeira década dos anos 2000 e, nessa querela pela validação do projeto retórico para a Economia, muitos nomes destacaram-se defendendo ou condenando tal projeto, como Leda Maria Paulani, Bento Prado Jr, Mark Julian Cass, Ramón García Fernández e José Márcio Rego. Ainda que os trabalhos de McCloskey ou de Arida provoquem instabilidade quanto à credibilidade de teorias ou de modelos econômicos já predominantes em certos espaços acadêmicos e, nesse sentido, ajude o próprio discurso científico da Economia a se remontar em meio às emergências de uma contemporaneidade que desconfia de certezas totalizantes ou de verdades inatacáveis, é preciso ampliar a reflexão da relação entre Economia e Retórica para além dos autores e textos fundadores.

Com a crise de 2008, tem-se uma oportunidade de, na variedade de narrativas que surgiram de economistas ou de polemistas do campo econômico, testar-se uma ampliação de ferramentas conceituais para os estudos retóricos na Economia advindas dos estudos teóricos da literatura. Para isso, é preciso justificar a condição narrativa desses discursos científicos da Economia e buscar-lhes as aproximações com procedimentos estéticos que, em muito, revelam um contato com uma tradição literária com a finalidade de que os métodos persuasivos possam ser fortalecidos na prática da escrita dos economistas.

No âmbito desses discursos sobre a crise, os estudos de narrativa por meio da definição do verossímil desenvolvida por Tzvetan Todorov – como “máscara com que se disfarçam as leis do texto, e que deveríamos entender como uma relação com a realidade” (Todorov, 2003, p. 116-17) – fornecem pistas de que existe uma poética nas narrações científicas que intermedeia as crenças com a verdade dos fatos e da

¹¹ Persio Arida ataca o conceito de fronteira do conhecimento do modelo *hard science* e questiona a possibilidade de distorções derivadas da fusão entre teoria econômica e história do modelo *soft science*. Arida cita oito regras retóricas apresentando exemplos nos escritos de economistas: simplicidade, coerência, abrangência, generalidade, redução de metáforas, formalização, reinventar a tradição e ignorar interesses práticos específicos.

ciência, ou, para maior precisão, que nutre a montagem do verossímil como produto final das estratégias de convencimento, atentando para as regras de existência da própria narrativa.

Como articulações capazes de proporcionarem efeitos estéticos, tais narrativas também podem promover técnicas ou resultados frequentemente associados à tradição literária: efeitos catárticos e acomodativos ou não catárticos e não acomodativos (tensionados a um processo de clímax), valências de um heroísmo marcado por uma atmosfera de injusto antagonismo, estruturas sequenciais de eventos para construção de suspense, usos de micronarrativas com fins didáticos, estruturas que sugerem ressonâncias de memórias narrativas, *flashbacks*, procedimentos que apontam para estranhamento ou singularização como atribuição de uma narratividade particular ainda não testada, sequências verbais que tem por finalidade apresentar efeitos oriundos da tradição dramática (como reconhecimento ou catástrofe), aproveitamentos de uma herança narrativa a promoverem imagens utópicas ou distópicas, etc.

Nesse sentido, guardadas as devidas diferenças com os discursos econômicos, saldo de autores do *new historicism*, que propuseram explicar ligações entre as estratégias estéticas da arte literária e a prática historiográfica, contribui para a compreensão de como discursos científicos podem ser modelados por técnicas estéticas a fim de ampliar seu poder de tradutibilidade e suas formas de persuasão. A teoria tropológica de Hayden White (1991, 1994 e 2008) oportuniza uma forma de entender as figuras de retórica não somente como recursos a reforçarem determinados sentidos do texto, mas como categorias a classificar práticas de escrita que buscam efeitos estéticos específicos por meio da metáfora, da ironia, da sinédoque ou da metonímia e que podem sugerir modos de elaboração de enredos, como romanescos, trágico, cômico ou satírico para as narrativas científicas da História. O aproveitamento dos efeitos estéticos da ressonância e do encantamento para a análise dos objetos históricos por Stephen Greenblatt (1991) promove uma forma de investigação centrada na apreensão de memórias narrativas expressas nos artefatos históricos, imaginando-os em seus contextos de produção, e no entendimento das particularidades estruturais que permite observar tais artefatos como únicos no processo de compreensão da história.

Os estudos sobre argumentação e figuras de retórica propagados por José Luiz Fiorin também ganham relevo na oportunidade de se discutir a possibilidade de se consolidar um projeto retórico para a Economia. A defesa de Fiorin (2009) de que a linguagem não representa a realidade

– mas de que cria diferentes realidades – interessa a esse projeto no sentido de se compreender que a própria linguagem, embora tenda a ser utilizada com a finalidade de produzir efeitos de verdade, deve ser analisada como meio a apontar a relatividade na construção da verdade ou da realidade; ademais, é de fundamental importância para o projeto retórico da Economia a observação desse linguista a respeito dos procedimentos ou recursos literários como uma forma de se desvelar a estereotipia discursiva imbuída em diferentes campos do saber, seja na ciência, seja na política.

O entendimento de Fiorin (2004) de que o enunciário, longe de ser passivo nos processos de comunicação, produz discurso por meio do seu *pathos* – que corresponde a uma imagem que o enunciatário tem do enunciário – condiz com a ideia de que a linguagem é performaticamente uma montagem (uma teatralidade) para atender às oportunidades de prever expectativas e de imperar sob as vontades dos que precisam ser convencidos pelos processos de argumentação. No caso específico da venda das hipotecas *subprime* que deflagraram a crise financeira de 2008, as táticas de argumentação para que tal prática de negociação desses empréstimos imobiliários ocorresse recorrentemente para a classe média norte-americana valeu-se tanto do uso do respaldo de autoridades ou de saberes especializados no assunto (agências de classificação de risco, economistas neoclássicos, matemática financeira, sistema bancário, presidência do Banco Central dos EUA, secretaria do Tesouro dos EUA)¹² como também de uma interpretação presumida dos enunciatários a respeito dos enunciários como leigos da linguagem técnica especializada e totalmente crentes nas instituições financeiras dos EUA¹³.

¹² Maria Helena Lucas Gimeno (1986) explica que tal argumentação pode utilizar uma autoridade específica ou ainda uma autoridade pessoal e que as argumentações por autoridade podem invocar respaldos variáveis de acordo com as necessidades discursivas: a unanimidade do assunto, as enunciações das categorias sociais especializadas no assunto (sábios, filósofos, economistas, educadores, papas, escritores consagrados, etc), o tratamento dado ao assunto pelos domínios de saber que o abrangem (física, campo doutrinário, religião, Encíclicas, matemática, área de finanças, etc).

¹³ Se levarmos em consideração como o *pathos* da classe média norte-americana (enunciário) interferiu na construção dos mecanismos de argumentação dos negociadores de empréstimos *subprime* (enunciadores), pode-se presumir que o mau entendimento da lógica dos empréstimos por parte do enunciário (e a conservação desse não-entender do enunciário objetivada por parte do enunciatário) torna-se uma das principais estratégias para a efetivação da venda desses produtos bancários.

O projeto retórico na Economia, desse modo, ao se valer de tais referências, muito além de identificar e analisar figuras de retórica nas narrações científicas, poderá, ao mesmo tempo: 1- observar a construção do verossímil; 2- atentar para as valências emocionais derivadas de um efeito estético atrelado a uma memória literária; 3- investigar as condições ou as consequências de produção da narração científica da Economia; 4- buscar a compreensão quanto à particularidade de cada narração científica em seu procedimento estético e em sua inteligência persuasiva; e 5- identificar processos de formação estético-retórica no saber econômico como forma de combater a estereotipia discursiva na ciência da Economia.

3. A linguagem especializada e metafórica da Economia e os seus efeitos de verdade

“Todo argumento retórico é irremediavelmente metafórico; a metáfora é um instrumento do pensamento e não um recurso de exposição; disto sabem todos os teóricos da retórica, de Aristóteles a Perelman. Mas os economistas praticam a retórica sem o saber e, o que é pior, dela desconfiando.” (Pérsio Arida, 1996)

Ivor Armstrong Richards, em seus estudos contidos em *The philosophy of rhetoric*, defendeu uma dicotomia entre a linguagem técnica e a linguagem poética. Richards (1936) afirmou que a linguagem técnica conserva significações unívocas ancoradas em definições e privilegia uma comunicação textual que faz uso da linguagem como consolidação do preconceito da significação própria das palavras; em contraposição, a linguagem poética inverte o uso que ancora a palavra elevando o jogo de possibilidades interpretativas por meio de um entendimento polissêmico e contextual que abarca a palavra e retira a estabilidade de sua significação.

Em diversos momentos, a linguagem técnica do discurso científico dos economistas, ao utilizar os recursos tropológicos da tradição literária, contradiz essa oposição inicialmente pensada por Richards. As alegorias de Adam Smith (a mão invisível do mercado), de Charles Mackay (as bolhas especulativas), de Nassim Nicholas Taleb (os cisnes negros), de Yanis Varoufakis (o minotauro global) e de Henry Paulson (o efeito pipoca), as antíteses de John Maynard Keynes (contra as bases da

economia clássica e da escola austríaca), a metonímia de Hyman Minsky (das unidades especulativas e Ponzi para descrever operações de financiamento), as hipérboles de Peter Joseph e de William Still (para reler a teoria do estoque monetário da escola de Chicago) e as ironias de Joseph Stiglitz (para ridicularizar a escola neoclássica), por exemplo, tendem a ampliar o uso de uma definição, valendo-se de uma funcionalidade representativa do recurso estético, com a finalidade de ancorá-la na tradição dos discursos econômicos. Ou seja, tanto a linguagem técnica do discurso econômico, quando busca multiplicar o uso da definição por meio dos recursos tropológicos, aumenta o lastro de significação das palavras, criando um sistema de dupla significação com a meta de potencializar sua capacidade de representação e de tradutibilidade, como também o recurso estético da figura de retórica no discurso da economia consolida conceitos que, recorrentemente, serão aproveitados por narrativas científicas futuras.

Uma outra dicotomia derivada dos estudos retóricos de Richards, que implicou uma oposição entre a metáfora linguística e a metáfora estética, parece não se confirmar quando se leva em consideração a produção narrativa dos economistas que buscam as figuras de retórica para a composição de seus discursos. Enquanto a metáfora linguística teria a função de suprir a ausência de palavras para a criação de novos termos em um determinado discurso, a metáfora estética serviria para apresentar o mundo sob uma nova realidade. No caso dos discursos econômicos, outra especialização ocorre em relação à utilização dos recursos metafóricos. As metáforas do discurso econômico, inicialmente, justificam-se como uma tradução intralingual de modo a aumentarem a eficiência da amplitude de seu domínio e, ao fazerem isso, instrumentalizam realidades de acordo com o aparato teórico-conceitual construído – tal como Paul Ricoeur (2000) apresenta, a metáfora é uma redescritção ficcional da realidade e, ao mesmo tempo, uma ferramenta retórica. Nos discursos econômicos, a necessidade linguística ou a estética somam-se como reprogramação do real e como domínio de eficiência representacional. Considerando-se tal constatação, pode-se presumir que, se, por um lado, os discursos de teóricos de economia aqui expostos fornecem pistas de como a ficcionalização e a estrutura literária alimentam a economia, por outro lado, os ficcionistas de formação econômica, como Ivan Sant’anna¹⁴ ou Leonardo Faccini¹⁵, ou ficcionistas que, alegoricamente,

¹⁴ Diplomado em Mercados de Capitais pela Universidade de Nova Iorque e com uma experiência de quase quatro décadas no mercado financeiro estadunidense e brasileiro,

falam sobre a economia, como Chuck Palahniuk¹⁶, também apontam como a ficcionalização e a estrutura literária são pela ciência econômica alimentadas.

Em relação à crise financeira de 2008, a imaginação narrativa e a variedade de recursos estéticos e retóricos empregados por economistas corroboram uma cena de rivalidades interpretativas. Conforme Yanis Varoufakis (2016), em momentos como a crise de 2008, variadas observações podem ser, ao mesmo tempo, precisas e equivocadas, e o fenômeno da paralaxe de tais eventos (advindo das disputas interpretativas) potencializa narrativas em multiplicidade, apresentando o tema sob os mais diversos ângulos a criar diferentes efeitos de verdade. Nessa situação, tanto a formação discursiva dos economistas a narrar a crise de 2008 pode ser compreendida como uma limitação a observar apenas uma das dimensões da questão como também o interesse ideológico no tratamento do assunto serve como organizador cognitivo. Embora Varoufakis tenha verificado o efeito de paralaxe em relação ao evento econômico do estouro das bolhas imobiliárias e financeiras de 2008, o próprio não se isenta também de afirmar que o seu discurso (e as estratégias retóricas nele contidas) traduz a dimensão precisa para apurar os reais motivos da crise. Inclusive, o subtítulo do livro *O minotauro global* de Varoufakis, *a verdadeira origem da crise financeira e o futuro da economia global*, de imediato, já aponta para esse objetivo retórico.

Varoufakis é um dos economistas contemporâneos que mais demonstram uma declarada consciência com os procedimentos retóricos na apresentação de suas explicações a respeito dos fenômenos da Economia Internacional. Quando Yanis Varoufakis, por exemplo, comenta a figura de retórica mais cara dos seus estudos (a alegoria do minotauro global), ele afirma que, embora ocorra o risco da segurança analítica centrada na

Ivan Sant'anna publicou livros de ficção cujo tema seria a própria atmosfera dos mercados financeiros, como *Os mercados da noite*, com primeira edição em 1996, e *10 crônicas de um trader*, com primeira edição em 2017.

¹⁵ Com o romance *A face viva da moeda*, de 2008, Leonardo Faccini, que trabalha como professor em cursos superiores de Economia e como analista de mercado de capitais na Comissão de Valores Mobiliários, funde a ação didática à Jostein Gaarder sobre a História do Pensamento Econômico com habilidade estético-narrativa.

¹⁶ Com os romances *Condenada*, de 2011, e *Maldita*, de 2014, Palahniuk realiza uma leitura alegórica sobre a crise econômica e política nos Estados Unidos iniciada nos fins da primeira década do presente século.

força alegórica simplificar a complexidade dos seus argumentos, tal recurso é uma ferramenta necessária para descrever um mundo que não pode ser mais compreendido por meio de paradigmas que dominavam o pensamento econômico antes da crise de 2008. Em verdade, a composição do discurso econômico, em sua abrangência e heterogeneidade, produz figuras de retórica em constância como forma de organização cognitiva de argumentação. A preocupação de Varoufakis com a eficiência da tradutibilidade intralingual por causa do temor de uma possível redução de cenário descritivo promovida pela força alegórica, portanto, não se justifica – o discurso econômico, necessariamente, move sua capacidade representativa e potencializa sua amplitude pelas figuras de retórica.

É óbvio que os conflitos discursivos da área da Economia após 2008 deixam mais evidente o uso do recurso da figura de retórica como modo de conquistar uma hegemonia interpretativa; entretanto, mesmo antes da crise, quando as lições de Alan Greenspan aparentavam confiança e a crença na autorregulação do mercado e a sofisticação da engenharia financeira de Wall Street pareciam ter repassado a interpretação e os mecanismos corretos para o fortalecimento da economia mundial, foi o elemento retórico que preponderou para a falsa crença de que a inovação financeira tinha eliminado o risco do sistema econômico. A retórica matematizada neoclássica do período pré-crise estabeleceu um processo de metonimização em que os cálculos forjam uma correspondência com o real baseada na fragmentariedade e na exclusão (o resto à parte da parte) – o que suprime a diversidade da realidade no plano da discussão econômica.

Mesmo que a tendência da economia neoclássica contemporânea busque o espelho de autonomia e de imparcialidade científica nas operações de modelos matemáticos, é preciso, por um lado, levar em consideração a declaração do estudioso Nílson José Machado de que a própria disciplina matemática constitui-se, constantemente, em meio ao material retórico das figuras de linguagem – e isso permite que significados e contextos possam ser cruzados dentro da linguagem matemática sem que o literal prevaleça sobre o figurado ou que este seja entendido como antecessor daquele. Ao contrário disso, a linguagem matemática é formada por uma interação mútua e contínua entre os sentidos figurado e literal.

Na verdade, o pensamento algébrico, ainda quando literal no sentido literal, engendra legítimas Metáforas sistêmicas, não tópicas, possibilitando fecundas transferências globais de significados em contextos

bastante diversos. No interior da própria Matemática, o literal e o figurado interagem continuamente, numa ação recíproca cuja representação aproxima-se muito mais de um círculo do que de um vetor (MACHADO, 1991, p. 98-9).

Por outro lado, tal como Pérsio Arida afirma, o conceito de evidência, tão caro ao modelo matematizado da *hard science*, nasce da organização retórica e disfarça-se de verificabilidade por meio de um processo de recorte e de seleção do real.

A evidência empírica nunca se apresentou como evidência neutra ou invariante aos próprios programas de pesquisa. Estes, em um sentido forte do termo, recortam o real e põem sua própria evidência. É este, em última análise, o motivo pelo qual o modelo *hard science* tem respaldo tão duvidoso na economia (ARIDA, 1996, p. 26).

Considerando, por exemplo, processos que aceleraram a financeirização ou ampliaram a independência do capital em relação ao Estado, como as operações de *carry trade*¹⁷ e as políticas de *trickle down*¹⁸, apoiadas no entendimento da eficiência dos modelos matemáticos, nota-se que tais conceitos constituem-se sob a base da metáfora orientacional, pensada por Lakoff e Johnson (2002). Tal metáfora, nessa perspectiva, consiste como, ao mesmo tempo, preenchimento conceitual e recurso retórico a utilizar a relação espacial e direcional. O *carry-trade* está no eixo sintagmático (com orientação horizontal) como forma de aplicação transnacional a cruzar fronteiras e a buscar moedas e juros para maximizar ganhos por meio da especulação; o *trickle down* (ou teoria do gotejamento) está no eixo paradigmático (com orientação vertical e para baixo) como forma de estratégia política a reduzir impostos de empresas e dos mais ricos a fim de se aumentar o capital para o investimento e, no longo prazo, beneficiar a sociedade com mais ofertas de empregos e repasse de parte desse capital acumulado.

¹⁷ Aplicação financeira que consiste em tomar dinheiro a uma taxa de juros em um país e aplicá-lo em outra moeda, onde as taxas de juros são maiores.

¹⁸ Também chamado de teoria do gotejamento, o *trickle down* é uma política de redução de impostos às camadas mais abastadas ou a empresas para que o dinheiro possa ser reaplicado na economia, beneficiando, no longo prazo, diversos setores da sociedade. O *trickle down*, como uma política neoliberal, tanto potencializa o capital privado para investimento como atribui ao próprio mercado o papel central para as condições econômicas necessárias para a melhoria social. Varoufakis (2016) combate essa política afirmando que tal mecanismo ampliou a desigualdade de renda.

Conforme Varoufakis (2016), a retórica matematizada da engenharia financeira neoclássica está ligada ao paradoxo da profecia (figura de retórica derivada da Teoria dos Jogos), isto é, a profecia é autorrealizável em um ambiente otimista que agrupa diversos CEOs e negociadores de ativos. Sendo assim, a modulação matemática ocorre como antecipação para o agrupamento mútuo e sustentável que dirige investimentos; a fala científica amparada em Wall Street nada prevê, e sim organiza o real para as demandas de concentração lucrativa de tubarões (metáfora para os *players* mais fortes)¹⁹.

4. Considerações finais

“Atualmente, a crise se transformou em um instrumento de dominação. Serve para legitimar decisões políticas e econômicas que privam os cidadãos de toda possibilidade de decisão.”
(Giorgio Agamben, 2013)

Embora a crise de 2008 possa ter feito os pesquisadores da área de Economia rediscutirem a influência do aparato retórico nas narrativas científico-econômicas, a questão da identificação das estratégias retóricas nos estudos e modelos econômicos não é inovadora e remonta às investigações de Deirdre McCloskey (no cenário internacional) e Pérsio Arida (no cenário nacional) iniciadas nos anos 80. No entanto, com o intuito de que a sustentação teórica da análise proposta – como figuras de retórica estruturam conceitualmente a posição ideológica do autor da teoria econômica e contribuem para a construção de narrativas científicas que afirmam efeitos de verdade no âmbito da crise de 2008 – não seja mera instrumentalização dos argumentos de McCloskey ou de Arida, há uma necessidade em estabelecer um novo diálogo que revise ferramentas conceituais e análise tropológica (ainda incipiente na pesquisa do discurso econômico) de áreas diferentes da Economia.

No campo da Epistemologia, Michel Foucault (2006), ao gerar o conceito de poder-saber, propôs discutir o balizamento dos mecanismos

¹⁹ Nassim Nicholas Taleb (2008), na criação da alegoria do Cisne Negro, também apresenta a previsão de larga escala para a economia como uma trapaça ou atalho que empana a incerteza do cálculo matemático no campo das finanças e promove um efeito de verdade, que justifica a posição e a manutenção dos negociadores mais fortes de ativos.

de poder dentro dos próprios discursos científicos, investigando as regras de obediência daqueles que aceitam e praticam tais discursos e analisando as formas de produção de verdade como conduções das relações de poder. O conceito de poder-saber torna-se importante quando se depara com a interpretação foucaultiana de que o poder não origina o discurso – o discurso, mais precisamente para Foucault, é um dos dispositivos estratégicos das relações de poder. Quando se compreende o poder não como uma força unidirecional a impor as vontades de um grupo social privilegiado, mas como uma dinâmica que tenta estabelecer, preservar ou hierarquizar relações de forças legitimando valores, ideias, conceitos ou objetos culturais, devem ser analisados os contextos e as cenas em que as produções discursivas emergiram. As disputas, os choques, as contradições, as negociações, os diálogos, em muito, por exemplo, podem favorecer o entendimento da atmosfera de produção discursiva. Numa situação em que a hegemonia interpretativa dos modelos econômicos neoclássicos está sendo testada pela crise financeira de 2008, a ebulição de vários discursos científicos sobre a economia na contemporaneidade e as eclosões de uma diversidade de tropos de linguagem para ilustrar ou justificar os motivos do colapso refletem as cenas de tensão quanto à produção de saber como metodologia para tentar preservar ou alterar relações de força na sociedade.

De outro modo, considerando que a crise financeira de 2008 provocou determinada instabilidade na produção hegemônica de conhecimento no campo da Economia ou em sua tradutibilidade para um público leigo em estudos econômicos afetado pela crise, é preciso atentar para os momentos de disputas que se instauraram nesse contexto de organização e reorganização discursiva. Os saldos da crise podem ter favorecido falas desviantes que estavam reprimidas pelo que McCloskey (1985) chamou, nos anos 80, de obsessão positivista e modernista das tendências predominantes da Economia; entretanto, se os contradiscursos parecem ter adotado estratégias que tentaram colocar em xeque a crença na autonomia do saber cifrado da Economia, não se pode perder de vista uma outra possibilidade de reorganização do discurso econômico hegemônico bem mais eficaz na “modelagem” das políticas públicas. Tanto Varoufakis (2016), quando evoca o conceito de bancarrotoocracia, como Agamben (2013) notam a preservação do discurso sobre a crise (ou a vizinhança dela) como uma forma de retirada de direitos e de enxugamento da capacidade dos Estados em dirigir políticas de bem-estar social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. The endless crisis as an instrument of power. Entrevista concedida a Frankfurter Allgemeine Zeitung. 2013
- ARIDA, Pérsio. A história do pensamento econômico como teoria e retórica. In: REGO, José Márcio (Org.). *Retórica na Economia*. São Paulo: Ed. 34, 1996. p. 11-46
- BERNANKE, Ben S. *The courage to act: a memoir of a crisis and its aftermath*. New York: WW Norton & Company, 2015.
- BLUMENBERG, Hans. *Teoria da não conceitualidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- FACCINI, Leonardo. *A face viva da moeda: um romance sobre a história das ideias econômicas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- FIORIN, José Luiz. Língua, discurso e política. In: *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 148-65, 2009.
- _____. O pathos do enunciatário. In: *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 69-78, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e Escritos IV)
- GALA, Paulo; REGO, José Márcio (Org.). *A história do pensamento econômico como teoria e retórica: ensaios sobre metodologia em Economia*. São Paulo: Ed.34, 2003.
- GIMENO, Maria Helena Lucas. A nova retórica: alguns pressupostos da teoria de Ch. Perelman. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas-SP, n. 10, p. 59-80, 1986.
- GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-61, 1991.
- GREENSPAN, Alan. *O mapa e o território: risco, natureza humana e o futuro das previsões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- HANK: cinco anos depois do colapso. Direção de Joe Berlinger. Edição de Brett Mason. Elenco: Henry Paulson e Wendy Paulson. Radical Media / Bloomberg Businessweek Films. Estados Unidos. [DVD]. (86 min), colorido, 2013.
- HOBBSAWM, Eric. *Sobre história: ensaios*. São Paulo: Companhia das

Letras, 2013.

KEYNES, John Maynard. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. São Paulo: Atlas, 1982.

KURZ, Robert. As luzes do mercado se apagam: as falsas promessas do neoliberalismo ao término de um século de crise. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 7, n. 18, p. 7-41, 1993.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas-SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

MACHADO, Nílson José. A alegoria em matemática, *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 13, p. 79-100, 1991.

MACKAY, Charles. *Ilusões populares e a loucura das massas*. São Paulo: Ediouro, 2001.

MARICHAL, Carlos. *Nova história das grandes crises financeiras: uma perspectiva global, 1873-2008*. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

MCCLOSKEY, Deirdre. *If you're so smart: the narrative of economic expertise*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

_____. *Knowledge and persuasion in Economics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Os pecados secretos da economia*. São Paulo: Ubu, 2017.

_____. 1985. *The rhetoric of Economics*. Madison: University of Wisconsin Press, 2017.

MINSKY, Hyman P. A hipótese da instabilidade financeira. In: *Oikos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2. p. 314-20, 2009.

PALAHNIUK, Chuck. *Condenada*. São Paulo: Leya, 2013.

_____. *Maldita*. São Paulo: Leya, 2014.

PAULSON, Henry M. *À beira do abismo financeiro: a corrida para salvar a economia global do colapso*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

REGO, José Márcio (Org.). *Retórica na economia*. São Paulo: Ed.34, 1996.

RICHARDS, I. A. *The philosophy of rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, 1936.

RICOUER, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.

- SMITH, Adam. *A mão invisível*. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2013.
- SANT'ANNA, Ivan. *10 crônicas de um trader*. São Paulo: Inversa, 2017.
- _____. *Os mercadores da noite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- STIGLITZ, Joseph. *O mundo em queda livre: os Estados Unidos, o mercado livre e o naufrágio da economia mundial*. São Paulo: Companhia das Letras 2010.
- TALEB, Nassim Nicholas. *A lógica do cisne negro: o impacto do altamente improvável*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2008.
- THAMOS, Márcio. Desvio de linguagem: descaminho científico. In: *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 99-106, 2009.
- THE MONEY masters. Direção (roteiro e comentários) de William T. Still. Produção: Patrick Carmack. Estados Unidos. [DVD]. (210 min), colorido, 1996.
- TODOROV, Tzvetan. *Poética da prosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- VAROUFAKIS, Yanis. *Conversando sobre economia com a minha filha*. São Paulo: Planeta, 2015.
- _____. *O minotauro global: a verdadeira origem da crise financeira e o futuro da economia global*. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.
- VEBLEN, Thorstein. *A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.
- _____. Teoria literária e escrita da história. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 21-48, 1991.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.
- ZEITGEIST, the movie. Direção (roteiro e comentários) de Peter Joseph. Estúdio GMP. Estados Unidos. [DVD]. (119 min), colorido, 2007.